

Na Mostra Brasília, clima é de babel

» TIAGO FARIA

Foi na praça de alimentação do festival, há um ano, que a ideia faiscou: e se fosse possível produzir, em apenas uma noite, um curta-metragem sobre um forasteiro que procura a redenção em pleno Cine Brasília? Parecia uma sinopse divertida. O problema era que não havia dinheiro para transformar o roteiro (um grão de roteiro, na verdade) em cinema. Eis que, num rompante, um dos mentores do projeto sacou uma câmera digital. A produção de baixíssimo orçamento abriu a Mostra Brasília deste ano, na tarde de terça-feira. “Hoje em dia, todo mundo pode fazer um filme. O nosso foi feito como quem não quer nada”, observa o diretor, Arturo Buzzi Filho. “As pessoas gastam uma fortuna para criar umas coisas terríveis. Queremos mostrar que basta uma boa ideia para fazer um bom filme”, explica.

O curta em questão, *Ouro de tolo*, foi recebido com aplausos e risadas por um público generoso — formado, em grande parte, por cineastas, produtores, roteiristas e amigos da equipe técnica. Na Mostra Brasília, o clima é de confraternização. Existe prêmio em jogo — o troféu Câmara Legislativa, que oferece R\$ 25 mil para o melhor curta da cidade (e R\$ 15 mil para o segundo melhor). Mas a praticidade do digital ampliou de tal forma o acesso à produção que cada filme se torna uma surpresa, uma festa — boa ou má, canhesta ou não. A tela do Museu da República exhibe até domingo uma maratona de 63 curtas brasileiros que, inscritos no festival, não foram selecionados para a competição oficial.

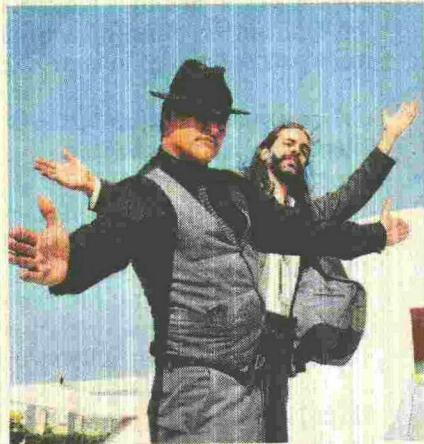
MOSTRA BRASÍLIA

Exibição de curtas brasileiros. Até domingo, às 15h, no auditório 1 do Museu Nacional da República (Eixo Monumental). Entrada franca. Não recomendado para menores de 14 anos.

A mudança de endereço do evento — que, no ano passado, era dividido entre o Teatro Nacional (digital) e o Cine Brasília (35mm) — não incomodou os diretores. No primeiro dia, não houve ânimo para a polêmica. Nenhum dos 10 diretores que subiram ao palco do auditório do museu protestou sobre as alterações na estrutura da programação — às vésperas do festival, houve quem criticasse a exclusão dos curtas em 35mm do Cine Brasília. “Foi uma mudança boa. O Museu da República tem sido mais ativo culturalmente que o Teatro Nacional. É um marco da arte de Brasília, e está muito bem localizado geograficamente”, elogiou André Pedra, o ator principal de *Ouro de tolo*.

Estreantes

Para assistir à sessão do curta, André se vestiu a caráter. Com terno e chapéu, ao lado do roteirista e câmera San Rogê, estreou no Festival de Brasília em estilo “passeio completo”. “O nosso filme recupera um lado lúdico do cinema brasileiro que estava um pouco ausente no festival”, observa. Um tom muito diferente daquele que marca o drama *Átrio criminal*, produzido por alunos de ensino médio de



André Pedra e San Rogê, do curta *Ouro de tolo*, e Thaís Lino (E) e a equipe de alunos de *Átrio criminal*: trajes especiais para a sessão

FILMES DE HOJE

- ✓ *Brasília: cidade sem limites*, de Maria de Fátimas Seehagen, 14min25
- ✓ *O cavaleiro do além*, de Magu Cartabranca, Rogério Águas e Loro Jones, 7min
- ✓ *Cata(dores)*, de Webson Dias, 24min
- ✓ *Severino quer gravar*, de Jetro Osytek de Castro, 9min
- ✓ *Perdidos*, de Mahatma Lima, 16min20
- ✓ *Pique-salva*, de Antônio Balbino, 7min25
- ✓ *O revés*, de Fáuston da Silva, 14min28
- ✓ *Por baixo das folhas secas*, de Jonathan Lima, 15min
- ✓ *Tarde seca*, de João Pácifer, 13min
- ✓ *Na esquina de sua mente*, de Marti Arboleia, 12min28

um colégio particular da cidade. Depois de vencer o “Oscar” da escola (nas categorias melhor filme, roteiro e direção), eles

inscreveram o curta de 19 minutos no festival. “A proposta era criar um filme que interagisse com os livros do PAS. Mas o filme

foi tão bem recebido na escola que as pessoas nos estimularam a fazer a inscrição”, conta a diretora, Thaís Lino, 17 anos.

Tal como o ator André Pedra, os 25 alunos da classe também foram à sessão com trajes especiais — camisas confeccionadas especialmente para o dia, com apoio da escola. A experiência de dirigir o filme instigou Thaís a se aventurar em outros projetos cinematográficos: está produzindo um curta sobre a Tropicália. “Ser cineasta está entre as minhas opções de carreira”, afirma. Entre *Ouro de tolo* e *Átrio criminal*, o primeiro dia de Mostra Brasília foi dominada por diretores ainda pouco conhecidos na cidade, que dão os passos iniciais. Do humor negro (*Como fazer um macarrão à bolonhesa*, de João Rafhaell) ao documentário musical (*Engels Espíritos*, de Rafael Morbeck), Brasília se fez babel. E aplaudiu a si mesma.